

O SUJEITO IDEOLÓGICO NA PERSPECTIVA DE LOUIS ALTHUSSER - O ASSUJEITAMENTO

2012

Arnaldo Toni Chagas

Psicólogo. Sociólogo. Professor Universitário (ULBRA/SM). Mestre em Psicologia Social e Institucional (UFRGS) e Doutor em Ciências da Comunicação (UNISINOS). Líder do grupo de pesquisa 'Drogas, mídia, discursos e políticas Públicas' (CNPq) (Brasil)

Email:

arnaldotoni@gmail.com

RESUMO

O filósofo francês L. Althusser provocou vigoroso ressurgimento do Marxismo em vários países do mundo, sua leitura, até hoje, prova no meio acadêmico importantes reflexões quando a discussão é a ideologia. Trata-se neste artigo de apresentar pontos fundamentais das reflexões de Althusser sobre o fenômeno da ideologia, tomando-se como base o ensaio relativo aos 'Aparelhos Ideológicos de Estado'. De início, traço considerações básicas da retomada de Marx por Althusser, ocasião em que apresento a concepção da constituição da sociedade por Marx a partir de duas instâncias: *infra-estrutura* e a *superestrutura*. Na sequência, proponho uma discussão sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado. Por último, discorro sobre a reflexão central da tese de Althusser: a *interpelação ideológica* cujo efeito de seu funcionamento transforma indivíduos concretos em sujeitos

Palavras-chave: Aparelhos de estado, interpelação, ideologia, sujeitos

1. RELAÇÕES ENTRE A INFRAESTRUTURA E A SUPERESTRUTURA

Cabe, de início, algumas considerações fundamentais referentes à retomada de Marx por Althusser, ocasião em que o filósofo francês pressupõe a constituição da sociedade apoiado na

concepção marxista.¹ Além disso, na sequência, traça-se uma discussão sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado e, por último, chega-se à reflexão central da tese de Althusser, a qual é: a *interpelação ideológica* cujo efeito de seu funcionamento transforma indivíduos concretos em sujeitos.

Na perspectiva de Marx, a sociedade é constituída em dois níveis ou instâncias: a *infra-estrutura* e a *superestrutura*.² Desse modo, ele compreende e procura representar ou explicar a estrutura social, utilizando-se da analogia de um edifício: um prédio de dois andares precisa de uma base para sustentar-se, manter-se firme; esta base, para o filósofo alemão, é a infraestrutura, isto é, a base econômica da sociedade, sob a qual se constrói os “andares” de cima que constituem a superestrutura. Sendo assim, a superestrutura só existe e se mantém em função da existência da infraestrutura. Segundo Althusser (1992, p. 60), a “metáfora [espacial do edifício] tem então como objetivo primeiro, representar a ‘determinação em última instância’ pela base econômica”, isto é, o que acontece, na base econômica, acaba determinando o que ocorre na superestrutura.

A infraestrutura - base econômica da sociedade³ - é formada pelo conjunto, ou unidade, das relações ou sistema de produção e das forças (formas) materiais produtivas. Compõe-se, portanto, da economia. Esta é a base real sobre a qual se eleva e se assenta a superestrutura da sociedade que corresponde às instâncias “jurídico-política (o direito e o Estado) e a ideológica - as diferentes ideologias: religiosa, ética, legal, política etc. (ALTHUSSER, in: Zizek, 1992,p. 199).

Em síntese, existe uma (inter)relação dialética entre ambas as instâncias. As relações sociais, aliás, são inerentes; logo, estão interligadas às forças produtivas.

Enquanto a infraestrutura é base econômica da sociedade (relação estabelecida entre o homem e a natureza; proprietário e proletário), a superestrutura é a base ideológica do sistema produtivo capitalista, sobretudo, em termos de dominação por meio da ideologia e das instituições sociais (direito, religião, educação, Estado etc). Em síntese, a superestrutura pode ser dividida em dois níveis ou instâncias: 1) estrutura jurídico-política e 2) base ideológica: religião, arte, filosofia etc.

Com base na introdução básica e sintética de como Marx entende a constituição da sociedade – relação e interdependência entre infra e superestrutura - como é o caso do sistema social capitalista, passa-se agora a refletir sobre e a concepção de Althusser sobre Aparelhos Ideológicos de Estado (AIEs) e Aparelhos Repressivos de Estado (AREs). Neste caso, o filósofo francês avança na concepção marxista de sociedade, sobretudo, na ocasião que retoma e amplia o conceito de ideologia lançado e não aprofundando por Marx.

¹ Althusser produz uma releitura do marxismo e avança em alguns de seus conceitos e noções.

² Ver Louis Althusser – AIE (1992, p. 59) ou Ver Zizek (1996, p. 109).

³ Determinismo econômico da abordagem de Marx e Engels.

Althusser retoma a discussão sobre a infra e superestrutura no livro *“Aparelhos Ideológicos de Estado”* (1992, p. 59). De início, ele chama à atenção para o “caráter” revolucionário de Marx, ao distingui-lo da “totalidade hegeliana”. Depois disso, utiliza a expressão “índices de eficácia respectivo” (de terminação), com vistas a refletir sobre a determinação, em última na análise, da infraestrutura sobre a superestrutura. Ou seja, a metáfora espacial (do edifício) de Marx, conforme Althusser, visa mostrar que o que ocorre nos andares de cima, em última análise, é determinado pela eficácia da base econômica, pois a infraestrutura afeta a superestrutura, justamente “por diferentes índices de eficácia” (ALTHUSSER, 1992, p. 61). Ora, se existe, em relação à última determinação, a qual é ainda determinada pela primeira.

Na tradição marxista, como assevera Althusser (1992, p. 61), existem duas maneiras de refletir sobre o índice de eficácia: “1) a existência de uma ‘autonomia relativa’ da superestrutura em relação a base; 2) a existência de uma ‘ação de retorno’ da superestrutura sobre a base”.⁴ Essas questões obrigam o autor a refletir e avançar no que diz respeito ao “problema do tipo de eficácia ‘derivada’ próprio da superestrutura”. Na verdade, Althusser não nega, nem refuta a metáfora espacial proposta por Marx, contudo, o que se percebe é que tal representação permanece puramente descritiva em relação ao funcionamento da sociedade, em termos de terminação econômica supracitada.

Em síntese, Althusser, partindo ou tomando como base a representação clássica marxista (metáfora espacial) acima descrita, busca superá-la em termos conceituais, apresentando ou respondendo a questão sob outra perspectiva. Em termos “descritivos”⁵, a metáfora de Marx oferece ao filósofo francês a possibilidade de compreender, com base na reprodução, o fundamento da “existência e natureza da superestrutura”. A partir disso, o autor passa a analisar o Direito, o Estado e a ideologia, tendo como ponto de partida a reprodução. Concomitantemente, lança mão, de um lado, “da prática e da produção”; e de outro, “da reprodução”⁶.

Marx (e Lenin), na verdade, reduz tudo de essencial ao aparelho - repressivo - de Estado, atrelando, assim, esse mecanismo ao poder da (luta da) classe dominante (burguesa) sobre a classe dominada (operária), em prol da mais valia. Essa é a função essencial do Estado: manter as condições sociais de existência, portanto, manter a reprodução desta realidade. Althusser acaba propondo uma distinção entre o “poder de Estado e aparelho de Estado”⁷, conforme descrita pela teoria marxista do Estado. Para o autor, além do aparelho repressivo de estado, há outro aparelho (o ideológico) que não se confunde com ele.

⁴ (Ibid., p. 61).

⁵ Adjetivo utilizado frequentemente por Althusser para explicar a representação teórica da metáfora espacial de Marx. Contudo, descrição, aqui, não tem conotação de crítica ao marxismo, mas, isso sim, trata-se justamente daquilo que qualquer teoria científica faz, primeiro descreve os fenômenos para, só depois disso superá-los. Isso foi o que Althusser fez descreveu a perspectiva de Marx e daí se propôs avançar, enfim, desenvolvê-la a partir de contradições existentes – Vide *“Da teoria descritiva a Teoria propriamente dita”* (Ibid., p. 63).

⁶ Uma descrição do Estado na perspectiva de Althusser, em que ele retoma Marx, o leitor encontra em: *“Aparelhos ideológicos de Estado”* (1992, p. 62).

⁷ Ibid., p. 65.

Dito isso, Althusser (1992) retoma a teoria marxista (de certa forma, descritiva) do Estado, propondo avançar nesta abordagem, acrescentando um recurso teórico e aprofundando, de tal modo que acaba dividindo (e distinguindo) os mecanismos do Estado em: Aparelhos Ideológicos de Estado e Aparelhos Ideológicos de Estado.

2. APARELHOS IDEOLÓGICOS DE ESTADO

Tratar-se-á, agora, sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado – e também de sua relação com os Aparelhos Repressivos de Estado - para, logo em seguida, discutir-se a *questão da ideologia* e, conseqüentemente *do sujeito*, na concepção de Louis Althusser.

Nas palavras do autor, aparelhos ideológicos do Estado (AIE) é “um certo número de realidades que apresentam-se ao observador imediato sob a forma de *instituições distintas e especializadas*” (1992, p.68).⁸ De acordo com esta concepção, o autor propõe, examina e põe à prova uma “lista empírica” dos aparelhos: as instituições que compõem os referidos aparelhos são: escolas, igrejas, empresas, família, justiça, política, sindicatos, meios de comunicação, cultura. Algumas dessas instituições tanto podem ser públicas ou privadas, como informa Althusser, “*o que importa é o seu funcionamento*”. Os AIE funcionam por intermédio da ideologia, uma vez que são mecanismos que estão a serviço da *manutenção da realidade* (das relações de produção). A ideologia tem, como função primordial, assegurar a coesão social, regular e normatizar as práticas sociais e as atividades dos indivíduos. É assim que as instituições sociais *materializam as ideologias*, isto é, passam do nível espiritual para o nível material.

A distinção essencial entre aparelhos repressivos do Estado (ARE) e AIE considera-se a partir de, “enquanto o primeiro funciona basicamente através da violência”, o segundo “funciona basicamente através da *ideologia*”. Retifica o autor, também, que o ARE (compreendendo o governo, a polícia, o exército, a administração, os tribunais, as prisões etc.), bem como o AIE, funcionam tanto através da violência como da ideologia. Contudo, o que faz com que *não sejam confundidos* tais aparelhos é o fato de que o primeiro “funciona predominantemente através da repressão (inclusive física) e secundariamente através da ideologia” (ALTHUSSER, 1992, p.70). Quanto ao segundo, ocorre justamente o contrário, já que a repressão é consideravelmente atenuada.

Um exemplo que propõe o autor, para ilustrar que um aparelho não é unicamente repressivo ou ideológico, pois existe neles um duplo funcionamento, é o caso do exército e da polícia, pois eles, embora sejam ARE, funcionam também através da ideologia, “tanto para garantir sua própria coesão e reprodução, como para divulgar os ‘valores’ por eles propostos.

⁸ Grifo do autor.

Com relação aos AIE, lembra das Igrejas, da Escola que “‘moldam’ seus métodos próprios de sanções, exclusões, seleção etc... não apenas seus funcionários mas também suas ovelhas -”, da família, da cultura etc. (Idem., 70). Logo, o que se pode constatar, no contexto, é existência de certas combinações entre ambos os aparelhos enquanto mecanismos de reprodução da sociedade.

Em síntese, mesmo existindo aparentemente uma dispersão, o que se verifica, em última análise, é a existência de uma unificação da diversidade dos aparelhos descritos, já que ambos funcionam por meio da ideologia. “A ideologia na qual funcionam está de fato sempre unificada, apesar de sua diversidade e contradições, sob a ideologia dominante, que é a ideologia da ‘classe dominante’” (Ibid., p.71). A concepção de Althusser (1992) destaca que a classe dominante detém o poder do Estado e, por esta razão, ela é ativa nos AIEs.

Althusser manteve sempre sua concepção teórica sobre o papel social dos AIE. Para ele, *a existência social das ideologias é absolutamente inseparável das instituições*, haja vista que é, por meio delas, que código, rituais, práticas, rotinas, costumes e cerimônias manifestam-se. Esses materiais da vida diária opera *convertendo indivíduos (concretos) em sujeitos (concretos)*. O sujeito insere-se nas práticas instituídas e reguladas pelos AIE; desse modo, conclui-se que *a ideologia não existe sem sujeito e nem sujeito sem ideologia*.⁹

A Ideologia, por sua vez, funciona através dos AIE e tem o papel de reforçar e manter a realidade social existente, ou seja, é aquela que se apresenta para os indivíduos em sua forma aparente, isto é, imaginária. Contudo, é bom lembrar, antes de encerrar esta parte do trabalho, que é também - e justamente nos AIE - que ocorrem as lutas (e alianças) de classes: os embates, as disputas, as tensões e as contradições. Sendo assim, é neles, ou por meio deles, que também ocorrem as transformações sociais.¹⁰

3. A INTERPELAÇÃO IDEOLÓGICA: O ASSUJEITAMENTO

Dando continuidade à questão da ideologia na perspectiva teórica de Althusser, propõe-se atentar à temática central deste trabalho: a *interpelação ideológica na constituição de sujeitos humanos (o assujeitamento)*. Assim, será possível compreender a tese fundamental do autor: “*toda ideologia interpela os indivíduos enquanto sujeitos*”(ALTHUSSER, 1992, p. 93).

⁹ Uma discussão mais aprofundada, no que aqui se está propondo, o leitor encontra em “Ideologia e Aparelhos Ideológicos de Estado” (Althusser, In: Zizek, “Um mapa da Ideologia”, 1996, p.105-166), sobretudo, no item denominado, “a ideologia é uma ‘representação’ da relação imaginária dos indivíduos com suas condições reais de existência” (veja Tese I e Tese II de Althusser sobre a ideologia).

¹⁰Para um aprofundamento do papel dos AIE e dos ARE, vide Althusser (1992, p. 72-81).

Em termos de análise de discurso, é importante destacar a inspiração de Althusser, sem perder de vista o conceito de ideologia,¹¹ ocasião em que se pretende tratar da subjetividade, articulando o marxismo e a psicanálise. A perspectiva Althusseriana trata de conceitos gerais referentes ao *sujeito* e aos *AIE* (ideologia)¹²; entretanto, focar-se-á à atenção para algumas especificidades de sua teoria relativas ao *sujeito* proposto por Althusser.

Althusser incorpora novas observações sobre ao conceito de sujeito, ao introduzir a *materialidade da ideologia como prática*, sobretudo no que concerne a seu efeito interpelatório da ideologia na constituição dos sujeitos humanos e no assujeitamento desses ao Sujeito (com S maiúsculo).

O pensador francês define a ideologia enquanto uma prática, na qual por meio das interpelações, constituem sujeitos em uma relação imaginária com as suas condições reais de existência. “*O homem sempre tem vivido sobre relações sociais ideológicas*” e os “*indivíduos são desde sempre, sujeitos, quer dizer, sujeitos-já-sujeitados por uma ideologia*”¹³ (ALTHUSSER; NAVARRO, 1988, p. 65).¹⁴

Para Althusser, a ideologia é fundamental em termos de constituição do sujeito. A função da ideologia é constituir indivíduos concretos em sujeitos, desde modo, o processo de interpelação ideológica a que os sujeitos são submetidos é fundamental à constituição de sua teoria da ideologia (SILVA, 2009, p. 158).

Em síntese, Althusser (1992, p. 85) defende a tese de que “*é pela representação da relação imaginária com suas condições de existência que o sujeito se institui*”.¹⁵ A ideologia, nesse sentido, seria “como imaginário que intermedeia a relação das pessoas com suas condições de existência” (Ibidem.,2009, p.159).

Conforme Althusser (1992), as pessoas são sujeitos, interpelados pela ideologia de forma inconsciente.¹⁶ Assim, diante da rede de sentidos existentes, filiam-se e são afetados, justamente pela identificação ideológica, por alguns sentidos e não por outros; com isso, as pessoas falam, posicionam-se e agem de um modo e não de outro (esquecimento enunciativo). Nesse caso, a posição discursiva que se ocupa, quando se fala ou/e se posiciona, é constitutiva no que se refere ao que se diz e nos sentidos atribuídos como fenômenos (objetos) sociais.

Em síntese, há a retomada da tese de Althusser (1992) que tratou da materialidade da ideologia no discurso, quando propõe, sobretudo, que “o discurso é uma das formas de realização

¹¹É bom ressaltar que Althusser inverte a perspectiva marxista que concebe basicamente *a ideologia como mera distorção do real*. Lembra-se também, nesta ocasião, que *os AIEs “funcionam pela ideologia”*, portanto, ela deve aqui ser retomada e discutida de modo mais detalhado.

¹² Lembra-se, nesta ocasião, que *os AIEs “funcionam pela ideologia”*; portanto, ela deve aqui ser retomada e discutida de modo mais detalhado, pois corresponde ao fundamento da tese de Althusser sobre o sujeito.

¹³ Grifo do autor.

¹⁴ Ver ARALDI (2005).

¹⁵ Grifo do autor.

¹⁶ Voltar-se-á a esta questão.

do ideológico” (ALTHUSSER, 1992).¹⁷ Os sujeitos, frente à ideologia, possuem uma relação imaginária com o mundo real – com suas condições reais de existência. Logo, os indivíduos, segundo o autor, *são invocados ou interpelados como sujeitos concretos pela ideologia* (ALTHUSSER, 1992) e, são interpelados porque aceitam seu papel no interior do sistema de relações de produção.

Sendo assim, como já foi dito, não existe sujeito sem ideologia, nem ideologia sem sujeito, quando passa do plano espiritual para o da prática, pois, se um indivíduo possui crenças e ideais, eles serão refletidas em suas atitudes, suas ações. Althusser (In: ZIZEK, 1996, p. 130) relaciona e discute, nesse sentido, a ideologia e os atos transformados em práticas. Nas palavras do filósofo: “pretendemos assinalar que essas práticas são regidas por *rituais* em que elas se inscrevem, dentro da *existência material de um aparelho ideológico*, nem que seja numa pequena parte desse aparelho: uma pequena missa numa igreja, um funeral” etc.

Assim, por exemplo, “a existência das ideias que formam sua crença é material”, por isso, o autor, ao tratar de um único sujeito (como um indivíduo), chega à conclusão de que “*suas ideias são seus atos materiais, inseridos em práticas materiais regidas por rituais materiais, os quais, por seu turno, são definidos pelo aparelho ideológico material de que derivam as ideias desse sujeito*” (1996, p.130).

Ao dar seguimento nas discussões, nota-se que, para Althusser (dito por ele mesmo), o termo *ideias* (enquanto ideais) vai perdendo força e desaparece. Desse modo, o autor dirige suas discussões para as relações entre sujeito, consciência, crença, atos, práticas, rituais e aparelho ideológico, pois é, nos atos e nas práticas, que as ideais estão inscritas e orientadas por rituais no “interior” de um AIE.

De tudo o que foi destacado, antes de chegar à discussão de sua tese central - “*A ideologia interpela os indivíduos como sujeitos*” -, Althusser chega à seguinte conclusão:

1. “não existe prática, através de uma ideologia, e dentro dela” e
2. “não existe ideologia, exceto pelo sujeito e para sujeitos” (In: ZIZEK, 1996, p. 131).

Em vista disso, chega-se a uma primeira conclusão, compreendendo *a importância fundamental da ideologia na questão da constituição dos sujeitos humanos*. A ideologia, como se pode observar, na perspectiva Althusseriana, não é fundamentalmente “uma questão de ‘ideias’: é uma estrutura que se impõe a nós, sem necessariamente ter que passar pela consciência” (TEIXEIRA, 2005, p. 75). Essa é, segundo a autora citada, uma apreciação positiva de Althusser em relação à ideologia, já que a ideologia é concebida “como algo no estado indeterminado de não ser verdadeiro, mas que é, no entanto, necessariamente vital” (Ibid., p.75).

¹⁷ Essa noção, aliás, foi retomada e reconsiderada, por Michel Pêcheux no interior da AD, ocasião em que foi relacionada às noções de Formação ideológica & de Formação discursiva (Pêcheux). Nesta ocasião, entretanto, não se entrará nesta discussão.

Em uma primeira formulação de Althusser, concebida neste trabalho, como uma questão fundamental, quando é discorrida sobre a tese de que - “*toda ideologia interpela os indivíduos concretos enquanto sujeitos concretos*”, nota-se que a ideologia, em seu funcionamento, “recruta” sujeitos dentre os (...) indivíduos ou ‘transforma’ indivíduos em sujeitos (...).¹⁸ A existência da ideologia e a interpelação dos indivíduos enquanto sujeitos são uma mesma coisa” (ALTHUSSER, 1992, p. 96,97). Em outras palavras, os indivíduos (concretos) tornam-se sujeitos pelo resultado “positivo” da interpelação. Assim sendo, pode-se afirmar, de forma simplificada, que aqui ocorre uma identificação do indivíduo no discurso de seu semelhante. Essa identificação torna-o sujeito (PINTO, 1989).

Para tratar da interpelação ideológica e, concomitantemente, do sujeito, Althusser concebe a *presença do inconsciente na interpelação ideológica*. Nesse aspecto, inspira-se explicitamente na psicanálise freudo-lacaniana para tratar da relação inconsciente/ideologia.¹⁹ Nesse quesito, defende a ideia de que a ideologia vem de muito tempo, ela é onipresente, trans-histórica [não tem história]; logo, é terna (*omni-histórica*), “sob sua forma imutável em toda a história”, ou seja, é como o inconsciente.²⁰ A ideologia é uma estrutura básica da condição sócio-histórica, de modo que, perpassando o tempo, ela funciona inconscientemente e se impõe ao ser humano. Logo, *domina as pessoas sem terem consciência disso*; por ela, são interpelados, assujeitados.

Althusser propôs-se a “desenvolver uma teoria da ideologia em geral, no mesmo sentido em que Freud apresentou uma teoria do inconsciente em geral” (1992, p.85).²¹ Konder (2002, p. 121) lembra que Althusser, ao propor a “teoria da ideologia em geral, insistiu no fato de que os homens *representam*, para si mesmos, a ideologia de que nunca o mundo é tal como ele efetivamente existe, e sim há a marca nele da intervenção humana”. Assim, *a ideologia é a representação imaginária da vivência do homem com o seu mundo*.

Ao discorrer sobre como a ideologia opera para constituir sujeitos humanos e suas formas de subjetividade, Althusser entende que os indivíduos já foram sempre interpelados pela ideologia – que são *sempre já-sujeitos*. Para isso, o autor lança mão do que Freud e Lacan ensinam, ao lembrarem-se do ritual ideológico em torno do processo de nascimento do bebê.

A criança, antes de nascer, já é (sempre) sujeito esperado pela família, já possui um nome, um significado e certo “lugar” nesta instituição, ainda que tenha que se inscrever na ordem da cultura efetivamente diante do processo de sociabilização, tornando-se sujeito humano, um ser de fala que também é falado. Diante dessa situação, o indivíduo não possui autonomia da

¹⁸ Isso ocorre justamente pela operação chamada de *interpelação*.

¹⁹ Essa relação proposta por Althusser, retomada por Michel Pêcheux em sua teoria do discurso, trouxe consequências importantes para AD de linha francesa, sobretudo no que diz respeito ao conceito de discurso, sujeito e sentido. Ver Nina Leite (1994, p. 148,149).

²⁰ Ver “Aparelhos ideológicos de Estado” (1992, p. 84,85 e 98,99).

²¹ Ver “Ideologia geral e Ideologia com I maiúscula”, In: GEDRAT. “Teorias do texto e do discurso”, Editora da Ulbra, 2006 - p. 128.

consciência, pois está sempre sujeitado ao Sujeito que o interpela constantemente, sem que este esteja cômico deste processo (processo de reconhecimento/desconhecimento do sujeito ante a interpelação):²² significa dizer que o sujeito, de um lado, identifica-se (reconhece-se) em um discurso; porém, de outro, desconhece o processo interpelatório que o constitui e que reproduz, sem saber, nas relações sociais que estabelece.²³ Nesse quesito, o sujeito na perspectiva de Althusser é tanto sujeito da ação, das práticas, como também um sujeito (as) sujeitado ao outro Sujeito (com S maiúsculo).²⁴

De Jacques Lacan, Althusser lança mão do “*O estádio do espelho como formador da função do eu*”²⁵. Como assevera Lacan, “basta compreender o estádio do espelho como uma identificação, no sentido pleno, que a análise dá a esse termo, ou seja, a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem - cuja predestinação para esse efeito de fase é suficientemente indicada pelo uso, na teoria do antigo termo *imago*” (LACAN, 1998, p.97).²⁶

O psicanalista francês trata, como apresenta sinteticamente Teixeira (2005, p. 75), do “momento jubilatório da criança confrontada com sua própria imagem no espelho, no momento em que ela – antes fundida e confundida com o mundo a seu redor – reconhece a própria imagem através da figura de um outro-eu. Dessa imagem, a criança, simultaneamente, percebe sua diferenciação em relação ao mundo externo e confirma, a partir de fora, a perfeição narcísica que a constitui como falo de sua mãe”.

Teixeira (2005) informa, além disso, que, para Althusser, isso também “ocorre na esfera ideológica”, haja vista que “o sujeito humano transcende seu verdadeiro estado de difusão ou descentração, e encontra uma imagem consoladoramente coerente de si, refletida no espelho de um discurso ideológico dominante” (Ibid., p. 75). Sendo assim, os indivíduos, então assujeitados (recrutados pela operação ideológica – a interpelação - e transformados em sujeitos sociais) vão agir (comportar-se como agentes) na sociedade, conforme a identificação dos indivíduos com as ideologias existentes no discurso do “outro”. Ao se deparar com a multiplicidade de discursos

²² “Dupla relação especular”

²³ Ver Céli Pinto “poder e discurso” (1989, p. 35).

²⁴ Sujeição-formação.

²⁵ Ver parte deste trabalho, ocasião em que se apresenta de modo mais detalhado “*O estádio do espelho*” aqui referido. Quando se trata de Pêcheux, essa reflexão - em torno de Althusser e de Lacan -, será retomada. Ver Nina Leite, p. 147 e Teixeira (2005), e nota 10 do texto “Althusser e Laclau - citação de Gilot referente às distinções das concepções de Lacan e de Althusser sobre o conceito de sujeito/eu. Na 3ª fase da AD Pêcheux, retoma e produz uma (re)interpretação relativa aos impasses que a teoria do discurso encontra em seu percurso e que decorrem, essencialmente, da articulação que Pêcheux realiza entre o materialismo histórico e a psicanálise, sob as bases da identificação entre o Sujeito althusseriano e o Outro lacaniano, de que resulta a definição de *forma-sujeito*.”

²⁶ É importante salientar aqui, que o *sujeito* proposto tanto por Lacan, como também por Althusser - ainda que exista distinções na definição de ambos - é, ao contrário do que propõe a filosofia moderna (sujeito central), um *sujeito descentrado*. Distinções entre as concepções de Lacan e de Althusser, referente à concepção de sujeito, é apresentada por GILLOT Pascalle. “*Althusser y El Psicoanálisis*”. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010.

sociais existentes, “ele será interpelados por um e não por outros” (PINTO, 1989). Logo, ele se posiciona enquanto sujeito discursivo, o qual fala e, concomitantemente, é falado.²⁷

Althusser (1992) insistiu em destacar que “o discurso é uma das formas de realização do ideológico”, de modo que a ideologia se materialize no discurso: “o mecanismo pelo qual a ideologia leva o agente social a reconhecer o *seu lugar* é o *mecanismo da sujeição*” (ALTHUSSER, 1992, p.8). Então, dele ninguém está livre.

Para finalizar, em termos esquemáticos, resta propor uma síntese relacionada ao que foi exposto acima, aliás, que fora apresentada pelo próprio Althusser (1971): o *funcionamento básico de toda ideologia* como um sistema que envolve quatro instâncias: “1) a interpelação dos indivíduos concretos enquanto sujeitos; 2) a sujeição deles ao Sujeito; 3) o reconhecimento mútuo entre os sujeitos e o Sujeito, o reconhecimento dos sujeitos entre si, e finalmente o reconhecimento do sujeito por si mesmo; 4) a garantia absoluta de que tudo é realmente assim, e sob a condição de que os sujeitos reconheçam o que são e se comportem, tudo correrá bem: amém - assim seja”.

²⁷Céli Pinto (1989, p. 35-33), em “*A sociedade e seus discursos*”, apresenta de forma simplificada e pedagógica, como ocorre o processo interpelativo, considerando a *discursividade social*, isto é: “a luta por construção de sujeitos”, logo, trata sobre o “*poder do discurso*”.

BIBLIOGRAFIAS

ALTHUSSER, Louis. (1971). **Ideology and Ideological State apparatuses**. Lenin and philosophy. London, NLB.

_____. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro. Edições Graal, 1992.

_____. **Freud e Lacan – Marx e Freud**. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Graal, 2000.

ARALDI, Staub Inês. **A carapuça da discórdia: uma análise dos discursos que emanam de um gesto presidencial**. Linguagem em (Dis)curso - LemD, Tubarão, v. 5, n. 2, p. 323-335, jan./jun. 2005.

PINTO, Céli. **Com a palavra o senhor Presidente José Sarney**. *Ou como entender os meandros do poder*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1989

SILVA Renata. **Linguagem e ideologia: embates teóricos**. Linguagem em (Dis)curso – LemD, v. 9, n. 1, p. 157-180, jan./abr. 2009.

TEIXEIRA Marlene. **Análise de discurso e psicanálise**. Elementos para uma abordagem do sentido no discurso. EDIPUCRS, 2005.

KONDER Leandro. **A questão da ideologia**. São Paulo: companhia das letras, 2002.

ZIZEK, Zlavoj (Org). **Um mapa da ideologia**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1996.